

J. Ch - 1766

7/5/98

21214



1766





22757  
QUEIXAS  
DA  
SAUDADE,  
NA FALTA DO  
SERENISSIMO  
SENHOR  
D. MANOEL  
INFANTE DE PORTUGAL.

*Ponderando-se a circumstancia de nascer, e  
morrer Sua Alteza no mesmo dia; porq̃  
nasceo a 3 de Agosto de 1697; e fa-  
lesceo a 3 do mesmo mez do  
corrente anno de 1766.*


Expostas pela Madre Soror  
**THOMAZIA CAETANA**  
DE SANTA MARIA.

Religioza Professa, e actualmente Escrivan  
do seu Preclarissimo Convento de Santa  
Cruz de Villa Viçosa.

*Dadas à luz por seu Pay Manoel de Mira  
Valadaõ, Cirurgiaõ approvado nesta Corte.*

---

LISBOA: Na Officina de PEDRO FERREIRA,  
Impressor da F. R. N. S. Anno de 1766.  
*Com todas as Licenças necessarias.*



COMPRA

RES  
6680 P.

OFFERECIDO  
AO SENHOR DOUTOR  
**AGOSTINHO**  
LEYTE FERREIRA.  
*CAVALHEIRO PROFESSO NA ORDEM  
de Christo, Advogado na Villa*  
DE  
**GUIMARAENS.**



# SONETO.

**A**lcançou Portugal, por venturozo,  
No seculo passado, a preheminencia  
De nascer hum Herde, cuja excellencia  
O fez ser mais feliz, e mais gloriozo.  
O dia em que nasceo o fez ditozo;  
Agora o mesmo dia, sem clemencia,  
No-lo roubou, á força da violencia  
De hum lamento o mais justo, e mais custozo;  
Dize agora, feliz, e infausto dia!  
Se liberal ao Reyno te ostentaste,  
E lbe deste no Infante a primazia:  
Que indigna acção foy esta que hoje obraste?  
Em que fundas a tua bizarria,  
Se o mesmo que nos destes, nos tiraste?

# GLOZA.

I.

**L**A' no fim já do seculo passado  
Quando vivia o Reyno em pax sem fusto,  
Nasceo aquelle Infante sublimado,  
Quarto Filho de Pedro, Rey Augusto;  
Foi Serafim do Ceo, por Deos mandado;  
E se he gloria no Reyno haver hum Justo;  
Este mimo do Ceo, sempre piedozo,  
Alcançou Portugal por venturozo.

A 2

II.



## II.

**Q**ue entre os Reynos, de Deos he mais que:  
 Este de Portugal, bem se conhece, (rido  
 No contino favor, e repetido  
 Com que o Cèo taõ benigno o favorece.  
 Aquelle Regio Infante esclarecido  
 O mesmo Cèo ditou que cà nascesse,  
 Logrando já, por justa providencia,  
*No seculo passado a prebeminencia.*

## III.

**D**E ser assim de Deos taõ estimada  
 Se satisfaz a Regia Monarchia,  
 Pois sabe, nos excessos de obrigada,  
 Conhecer o favor da primazia.  
 Foy para Portugal bem decretada  
 Aquella feliz hora, mez, e dia  
 Em que alcançou do Ceo a providencia  
*De nascer hum Heroe, cuja excellencia,*

## IV.

**N**asceo este Senhor, cujo talento  
 Foy taõ justo, taõ sabio, e foy taõ raro  
 Que em acertos, e acçoens de entendimento,  
 Liçoens podia dar ao mais preclaro.  
 Foy hum Anjo de pax, foi hum portento,  
 De tudo liberal, de nada avaro,  
 O seu genio benigno, e virtuozo,  
*II O fez ser mais feliz, e mais gloriozo.*



## V.

**C**onfeguiu Portugal naquelle instante  
 Em que vio este Heroe o mais benigno,  
 Lograr hum Varaõ justo, hum Regio Infante,  
 Humano em circustancias de divino.  
 Por excessõ de amor o mais constante  
 O confeguiu de Deus justo destino;  
 Pois para se mostrar Pay amorozo  
*No dia em que nasceo, o fez ditozo.*

## VI.

**D**E Agosto eraõ passados sò dous dias,  
 Quando este Regio Infante, sem segundo,  
 Para exemplo geral das Monarchias,  
 Nasceo em feliz hora à luz do mundo.  
 Tudo excessos feriaõ de alegrias,  
 Assim o julgo eu, e bem me fundo;  
 Mas ay, que nos roubou a complecencia  
*Agora o mesmo dia sem clemencia!*

## VII.

**F**Oy benigno, e ditozo mensageiro  
 De gostosa noticia ao mundo todo;  
 Mas hoje da desgraça pregoeiro,  
 O levou por cruel, e triste modo:  
 Se quem toma o q̄ dà, he mais grosseiro,  
 Eu a tal sem razãõ não me acomodo,  
 Vendo que o que nos deo por providencia,  
*No-lo roubou, á força da violencia.*

## VIII.



## VIII.

**P**ara gloria immortal do Reyno, e Corte,  
 Nasceo este piedozo, e Regio Infante;  
 Cresceo no amor de Deos constante, e forte;  
 Viveo sem ter igual, nem semelhante:  
 Morreo, em fim, (que pena! ay dura sorte!)  
 Tu ò dia cruel, falso, inconstante,  
 Foste a cauza, por vario, e rigorozo.  
*De hum lamento o mais justo, e o mais custozo.*

## IX.

**P**ergunta agora, (oh dia) o meu cuidado,  
 Que me digas sincera, e lizamente,  
 Se taõ propicio foste no passado,  
 Que te fez este seculo presente?  
 Se àquelle concedeste com agrado,  
 No Infante hum favor mais que excellente,  
 Porque a este o roubou a tirania,  
*Dize agora, feliz, e infausto dia?*

## X.

**F**avoreceste o Reyno com enganos,  
 Pois dando-lhe no Infante hũ bem nascido,  
 Passados treze lustros, e quatro annos,  
 Lho levaste, sem luz amortecido:  
 De teus lances já pios, já tiranos,  
 Eu confesso me tenho confundido;  
 Pois não sei porque avaro te mostre,  
*Se liberal ao Reyno te ostentaste!*



## XI.

**D**O mesmo Reyno amigo pareceste,  
 Quando tu lhe entregaste por ventura  
 Hum Infante: mas não; sim hum Celeste  
 Serafim, na virtude, e na candura:  
 Foy favor singular que lhe fizeste  
 Conduzirlhe hum Planeta de luz pura;  
 Tu illustraste o Reyno, oh feliz dia,  
*E lhe deste no Infante a primazia.*

## XII.

**A** Quelle bem que entãõ lhe tinhas dado  
 Tu mesmo lho tiraste: ès imperfeito;  
 Que arreponder do bem principiado  
 Não succede a ninguem sem ser defeito:  
 Tu nos deste hum Infante sublimado,  
 Piedozo, esmolèr, pio, e perfeito;  
 Tu mesmo ingrato agora o sepultaste;  
*Que indigna acção foi esta que hoje obraste?*

## XIII.

**E** Stavas reputado por benigno,  
 Discreto, liberal, e favoravel;  
 Podias-te jactar de seres fino,  
 De seres primorozo, e o mais amavel:  
 Entre os dias do anno, por destino;  
 Eras o mais feliz, e o mais louvavel;  
 Mas quando o teu primor foy tirania;  
*Em que fundas a tua bizzarria?*



RES  
6580 P.

**E**Ntregaste-lo vivo, (eu endoudeffo!)  
 Ao mundo, que ficou de alegre absorto,  
 Mas agora-(ay que dor! eu desfaleffo!)  
 Lho levas, sem alento, frio, e morto!  
 Ficou o mundo afflicto, eu o confesso,  
 Sem o feu Bem perdido, e sem conforto;  
 E tu com o dislustre he que ficaste,  
*Se o mesmo que nos destes, nos tiraste.*

---

*Em obsequio da Discretissima Autora.*

## SONETO.

**E**'Sta, quando mortal, mais animada  
 Queixa, em taõ regia falta bem nascida;  
 Mais que pela efficacia de sentida,  
 Tem effeito mayor por ti tocada.  
 Quanto a perda do Bem nos dezagrada,  
 Teu Canto a tal excessso nos convida;  
 Que em tanta dor, restou só acordo à vida  
 Para ser à harmonia consagrada.  
 Sim, a Parca a sentir nos guia o danno;  
 Mas o golpe expressado na doffura,  
 Mais nos mete pela alma o mal tirano.  
 Porèm, que muito o esforço no que apura;  
 Se a dar todo o valor ao dezengano,  
 Que vóz de mais poder que a da Clauzura?

VIA  
*De Antonio Correa Vianna.*







